

## Narrativa biográfica e a construção discursiva da história: um estudo do caso Coluna Prestes, pelo olhar da biógrafa Anita Leocádia Prestes

### Biographical Narrative and the Discursive Construction of History: A Case Study of the Coluna Prestes Through the Lens of Biographer Anita Leocádia Prestes

**ABREU-AOKI, RAQUEL LIMA DE**  
abreuaoki.raquel@gmail.com

Doutora em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2016)  
Professora Adjunto na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3578-8593>

**AGUIAR, MARCIA ELISIA MATOS**  
marciaelisia475@gmail.com

Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) por meio do Programa de Bolsa à Iniciação Científica e Tecnológica Institucional (PIBIC) (nº do processo: CRD-00135-21)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1392-5064>

**PALAVRAS-CHAVE:**  
Biografia historiográfica;  
Memória;  
Modos de Organização do Discurso;  
Coluna Prestes.

**RESUMO:** A trajetória de vida de personagens políticos emblemáticos da história do Brasil pode ser (re)construída e (re)significada por meio de uma reconstrução discursiva do passado. A biografia historiográfica constitui um espaço singular para a expressão de novos pontos de vista sobre eventos relatados, funcionando também como um *locus* de contra-argumentação a discursos previamente consolidados sobre a figura biografada. Nesse sentido, esse gênero promove reflexões sobre as relações entre história, memória e identidade, contribuindo para a produção de (novos) sentidos através de uma narrativa memorialística. Com base nessa perspectiva, este trabalho analisa as projeções de imagens de Luiz Carlos Prestes associadas ao movimento político-militar da Coluna Prestes, tal como apresentadas na obra Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro, escrita por sua filha, Anita Leocádia Prestes. Para tanto, adotamos os Modos de Organização do Discurso postulados pela Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008), com ênfase nos Modos Descritivo e Narrativo. O estudo destaca como a escrita biográfica de cunho historiográfico articula memória e identidade, gerando, a partir de sua materialidade discursiva, efeitos que reverberam nas memórias sobre Luiz Carlos Prestes, na perspectiva da autora e, paralelamente, na memória coletiva da nação brasileira.

**KEY-WORDS:**

Historiographical biography;  
Memory;  
Modes of Discourse  
Organization;  
*Coluna Prestes*.

**ABSTRACT:** The life trajectory of emblematic political figures in Brazilian history can be (re) constructed and (re)signified through a discursive reconstruction of the past. Historiographical biography provides a unique space for expressing new perspectives on reported events, functioning as a *locus* of counter-argumentation against previously established discourses about the biographed figure. In this sense, this genre fosters reflections on the relationships between history, memory, and identity, contributing to the production of (new) meanings through a memorialistic narrative. From this perspective, this study analyzes the projected images of Luiz Carlos Prestes associated with the political-military movement of the *Coluna Prestes* as presented in *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, written by his daughter, Anita Leocádia Prestes. To achieve this, we employ the Modes of Discourse Organization proposed by Charaudeau's Semiolinguistic Theory (2008), with a focus on the Descriptive and Narrative Modes. The study highlights how historiographical biographical writing articulates memory and identity, generating effects from its discursive materiality that resonate with the memories of Luiz Carlos Prestes from the author's perspective and, concurrently, with the collective memory of the Brazilian nation.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A biografia historiográfica, ao se dedicar a figuras políticas de destaque, desempenha um papel crucial na reinterpretação de eventos e momentos marcantes da história. Esse gênero, ao explorar as dimensões pública e privada desses sujeitos, promove uma reorganização do passado alinhada às perspectivas e intenções do biógrafo. Essas intenções se refletem na materialidade discursiva da escrita biográfica, gerando novos significados e ressignificando acontecimentos.

Nesse sentido, compreendemos que as noções de história, memória e identidade não funcionam isoladamente, mas interligadas entre si. Esses conceitos se imbricam e podem ser operados no plano discursivo a fim de atingir determinadas especificidades advindas do próprio projeto de texto do autor, porque tais concepções são, justamente, perpassadas pelo discurso. Na perspectiva discursiva que embasa este trabalho, o passado é construído e acessado através das narrativas e das memórias, sempre mediado por interpretações que o reconstróem no presente. Essa noção dialoga com a ideia defendida por teóricos como Foucault (1996), para quem o passado não é um elemento dado, mas algo produzido discursivamente.

Na dialética entre memória e história, Candau (2016) explica que a memória se refere, sobretudo, a uma reconstrução continuamente atualizada do passado. Devido a tal aspecto, a memória coletiva consolida uma relação contínua entre presente e passado, mas também abarca o futuro ao utilizar os acontecimentos passados como balizas para as ações presentes e futuras. A narrativa biográfica, ao articular memória e história, oferece um locus privilegiado para propor versões alternativas de eventos.

Essa dinâmica pode tanto reforçar memórias coletivas preexistentes, compartilhadas por grupos sociais, quanto sugerir novas interpretações, que muitas vezes resultam na constitui-

ção de memórias inéditas. Candau (2016, p. 16) afirma que “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”, destacando a relação dialética entre memória e identidade, em que ambas se alimentam mutuamente. A elaboração de uma trajetória de vida apoia-se na interdependência dessas duas noções, desempenhando um papel essencial na construção narrativa.

Uma espécie de tríade é contornada a partir das conexões entre história, memória e identidade, o que permite analisar o objeto em questão à luz dessas interrelações. Essa integração pode ser representada graficamente:

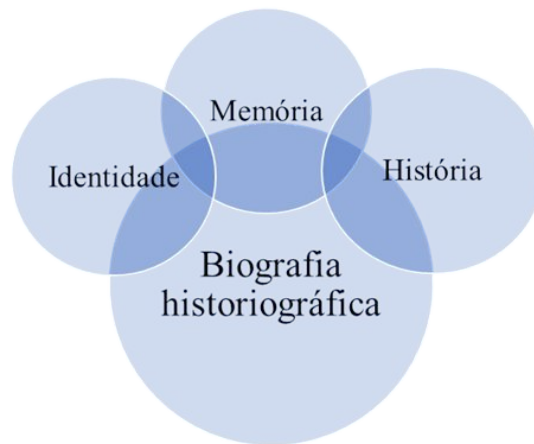


Figura 1 - Esquema da integração da história, memória e identidade na biografia historiográfica

Fonte - Elaborado pelas autoras

Conforme já apontado, a memória não é estática, mas um processo contínuo e dinâmico que oscila entre a lembrança e o esquecimento, mobilizando elementos de forma ativa e estratégica para reinterpretar o passado e formar narrativas:

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações e reinterpre-

tações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa. (Candau, 2016, p. 71, aspas do autor).

A memória, contudo, não é um espaço neutro. Robin (2016) observa que ela é fruto de uma construção social permeada por escolhas culturais e estratégias políticas. Cada narrativa memorial carrega em si as marcas das tensões e interesses do momento em que é produzida. Assim, ao narrar uma trajetória de vida, o narrador não apenas preserva as lembranças que deseja destacar, mas também negocia e afirma identidades, destacando o caráter performativo da memória.

Nesse processo, Candau (2016, p. 74) afirma que “todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade”. Esse “selo memorial” reflete como a memória é um ato criativo e subjetivo que molda tanto o passado quanto o sujeito que se recorda.

Ao evidenciar o papel da memória na apropriação do passado, abre-se espaço para entender como ela fundamenta a história. Nesse sentido, Le Goff (2013) reforça essa visão ao afirmar que a história se alimenta da memória coletiva, destacando que os vestígios do passado são mediadores entre memória e história. O autor argumenta que a impossibilidade de o historiador abstrair suas concepções como sujeito resulta em escolhas e seleções que moldam a narrativa historiográfica. Bourdieu (1998) complementa, alertando sobre a “ilusão biográfica”, que ocorre quando se acredita que a narrativa oferece um retrato completo e verdadeiro do sujeito retratado.

Nesse contexto, Benveniste (1983) pontua que o ato de narrar desloca os acontecimentos do passado para o campo subjetivo de quem narra, transformando os fatos e atribuindo-lhes

significados que ultrapassam a dimensão do evento em si. Essa subjetividade, inevitavelmente presente na narrativa, alinha-se às intenções do autor, que moldam a biografia como um espaço de interpretação. Nesse cenário, a biografia se apresenta como um espaço de interpretação, onde o passado é reconstruído sob novas lentes, dialogando com as intenções do biógrafo e as expectativas de seu contexto. Lejeune (2008) reforça essa perspectiva ao advertir que o leitor deve considerar as intenções do autor ao se deparar com uma biografia, pois cada texto reflete motivações específicas, frequentemente voltadas a exaltar ou idealizar o biografado. Como observa Peneff (1990, p. 38),

há uma tendência de escassez de atos errados ou imorais, de práticas injustas ou violentas, de comportamento fraudulento de quase todo o tipo da parte do biógrafo. A maior parte das histórias de vida tenta falar com uma única voz, sem contradições e sem oponentes. Partes quase inteiras da vida são deixadas de fora, especialmente, os episódios dolorosos ou questionáveis que poderiam trazer danos à imagem do biografado.

Aplicando essa lógica, analisamos o capítulo “Coluna Prestes”<sup>1</sup> da obra *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, que se insere no gênero biográfico. A obra, escrita por Anita Leocádia Prestes<sup>2</sup>, filha de Luiz Carlos Prestes, foi publicada em 2015 pela editora Boitempo. Por se tratar de uma biografia escrita pela própria filha do biografado, a obra combina uma perspectiva intimista e sensível, fundamentada em laços familiares, com a abordagem de fatos históricos e memórias compartilhadas.

Anita, além de vivenciar acontecimentos históricos diretamente ligados à trajetória de seu pai, Luiz Carlos Prestes, também desenvolveu um rigor investigativo em sua escrita. Como afirma na apresentação do livro: “A biografia que aqui apresento resultou de longos anos de investigação histórica, tanto da atuação política de Luiz Carlos Prestes quanto da trajetória do Partido Comunista Brasileiro (PCB), dois aspectos profundamente vinculados entre si (...)” (Anita Prestes, 2015, p. 15).

1. A Coluna Prestes foi um movimento político-militar liderado por Luiz Carlos Prestes entre 1925 e 1927, que percorreu milhares de quilômetros pelo Brasil em oposição à República Velha (1889-1930) e à política do café com leite, marcada pela alternância de poder entre as elites de São Paulo e Minas Gerais (Gaudêncio, 2022).

2. Anita Leocádia Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes e da militante comunista alemã Olga Benário Prestes, nasceu durante o regime ditatorial de Hitler, na prisão feminina do Campo de Concentração de Barnimstrasse, na Alemanha. Foi separada de sua mãe aos 2 anos e 2 meses, ao término do período de amamentação, e entregue à avó paterna, Leocádia Prestes, graças à uma mobilização internacional pela libertação (Martins-Fontes, 2022).

Ainda que a biógrafa traga essas considerações, é importante destacar que a escrita biográfica ultrapassa o simples registro factual, ela reflete uma recordação seletiva, enquadrada em um espaço de ressignificações. Nesse sentido, o gênero biográfico não se limita à narrativa de vida de uma pessoa, mas também opera como um instrumento de múltiplos interesses, sendo capaz de atuar como ferramenta política e agente de transformação histórica (Abreu-Aoki, 2016).

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo central analisar as projeções de imagens de Luiz Carlos Prestes associadas ao movimento político-militar da Coluna Prestes, tal como apresentadas na obra *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, por sua filha, a historiadora e biógrafa Anita Leocádia Prestes.

A partir dessa análise, busca-se compreender como essas imagens ressignificam esse episódio da história do Brasil e ressaltam o valor da escrita biográfica para a preservação da memória. Esse impacto não se limita à figura de Prestes ou à narrativa de sua filha, mas se imbrica na memória coletiva do país, reforçando a relevância de Luiz Carlos Prestes como uma personalidade histórica emblemática.

Como perspectiva metodológica, a análise terá seu embasamento nos Modos de Organização do Discurso de Charaudeau (2008), em especial, os Modos Descritivo e Narrativo. Gostaríamos de ressaltar que nosso trabalho funciona em um movimento cíclico de análise, ou seja, na discussão teórica apresentamos algumas considerações acerca do nosso objeto de estudo. Compreendemos ser importante que o procedimento analítico ocorra em diálogo com o referencial teórico, pois a análise do *corpus* não sucede de maneira independente da teoria, em respaldo de que o objeto de análise determina a teoria a ser utilizada e não o inverso. Isto posto, análises iniciais do nosso *corpus* já se encontram na seção dedicada às reflexões sobre o nosso arcabouço teórico.



Para alcançar os objetivos propostos, este artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 2, discutimos sobre os Modos de Organização do Discurso, baseando-nos nas teorias de Charaudeau (2008). Em seguida, na seção 3, procedemos à análise da narrativa biográfica acerca do caso Coluna Prestes. Na seção 4, são apresentadas as considerações finais provenientes do nosso estudo.

## 1. OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Este trabalho fundamenta-se nos princípios dos Modos de Organização do Discurso, conforme estabelecidos pela Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008). Esses princípios são cruciais para compreender como o sentido é construído na narrativa biográfica, conectando o texto ao gênero e ao contexto comunicativo em que está inserido. A análise aqui proposta explora, especificamente, os Modos Narrativo e Descritivo, considerando sua relevância na representação de Luiz Carlos Prestes na obra *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*.

Segundo Charaudeau (2008), a Teoria Semiolinguística compreende que a ordenação e a utilização de categorias linguísticas nos Modos de Organização do Discurso permitem ao locutor construir sentidos, configurando o texto dentro de um gênero e das possibilidades comunicativas da situação de interação. É importante destacar que, embora gênero e modo de organização do discurso interajam, são categorias distintas. O gênero textual estabelece um contrato comunicativo, enquanto os modos estruturam o discurso dentro desse contrato.

Por essa razão, ao analisar e refletir sobre o objeto, torna-se necessário considerar o gênero e a situação concreta de comunicação em que o texto se insere, bem como os elementos da enunciação languageira. É importante destacar que gênero e modo de organização do discurso são categorias distintas. Dessa forma, ao trabalhar com essas dimensões no corpus, é fundamental



lidar com suas especificidades, reconhecendo suas interações, mas respeitando suas particularidades.

Dentro das possibilidades disponíveis, os modos de organização do discurso podem ser empregados de forma combinada, o que evidencia sua flexibilidade e a ausência de uma concepção rígida ou fechada. Nessa perspectiva, é importante destacar que todos os outros procedimentos — Modo Descritivo, Modo Narrativo e Modo Argumentativo — pressupõem a presença do Modo Elocutivo. Isso ocorre porque o Modo Elocutivo revela o sistema enunciativo no discurso, marcando a posição do sujeito falante na encenação linguageira e evidenciando o posicionamento do locutor em relação a seu interlocutor, a si mesmo e a terceiros.

Considerando a natureza narrativa do *corpus* analisado, este trabalho priorizará a configuração dos Modos Descritivo e Narrativo na representação de Luiz Carlos Prestes, tal como apresentada na biografia escrita por sua filha. Dessa forma, nesta seção, os modos mencionados serão abordados com maior atenção, em função de sua relevância para a análise proposta.

O Modo Descritivo está relacionado à atividade de descrever e implica uma dinâmica que se assemelha a observar o mundo com um “olhar parado”. Essa abordagem confere a existência dos seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os tornam únicos. Assim, esse procedimento discursivo corresponde à identificação e classificação dos seres do mundo.

A construção descritiva baseia-se em três componentes principais: Nomear, Localizar-situar e Qualificar. O Nomear refere-se ao ato de dar existência a um ser por meio de uma operação classificatória, que consiste em perceber diferenças enquanto estabelece semelhanças. Essa operação é subjetiva, pois é o sujeito que estrutura e organiza sua visão de mundo.

O Localizar-situar, por sua vez, determina a posição espaço-temporal do sujeito, conferindo existência ao ser por meio de um efeito de retorno. Esse componente fornece um recorte objetivo do mundo, mas não desconsidera o papel da visão de um grupo cultural na construção dessa projeção.

Já o Qualificar atribui sentidos específicos aos seres, baseando-se na perspectiva do sujeito em relação ao mundo. Como explica Charaudeau (2008), qualificar implica tomar partido, e é nesse processo que se revelam as subjetividades do sujeito ao descrever. Essa operação demonstra como a visão individual influencia as descrições, evidenciando a interação entre percepção e representação.

O Modo Narrativo se refere à organização sequencial e contínua de acontecimentos, pautada em uma lógica e uma coerência que se desenvolvem a partir do delinear de um início e de um fim. Esse processo estabelece a progressão das ações, sendo estas influenciadas umas pelas outras, o que resulta em uma cadeia de eventos e no desenvolvimento de uma trama. Por consequência, há o avanço da história, com cada ação atuando de modo específico dentro do enredo.

É importante não confundir o Modo Narrativo com a narrativa, nem o tratar como um modo que se restringe apenas aos textos predominantemente do tipo narrativo. Ou seja, o Modo Narrativo é um processo constituinte da narrativa e pode ser utilizado em outros gêneros, mesmo que de forma secundária.

A lógica narrativa é composta pelos Actantes, Processos e Sequências. No entanto, apesar de serem estreitamente atrelados uns aos outros, este trabalho se concentra apenas nos dois primeiros componentes. Nesse contexto, os actantes desempenham papéis relacionados à ação

da qual dependem, diferenciando-se dos personagens, uma vez que um personagem pode desempenhar muitos papéis narrativos e ocupar o lugar de actantes diferentes, ao passo que um mesmo papel actancial pode ser observado em mais de um personagem.

Outro aspecto é a hierarquização à qual os actantes estão submetidos, o que possibilita a existência de actantes secundários circundando os actantes que praticam e os que sofrem ação, atuando como satélites destes, de maneira similar às personagens satélites<sup>3</sup> (Abreu-Aoki, 2016).

3. Personagens satélites são aqueles que desempenham um papel secundário ou acessório dentro da narrativa, geralmente complementando ou apoiando as ações dos personagens principais (ou actantes principais). Eles não são o foco da trama, mas contribuem para enriquecer o enredo ou destacar os elementos centrais da narrativa.

No que tange aos processos narrativos, eles são responsáveis pela conexão dos actantes entre si e pela atribuição de uma orientação funcional à sua ação. Sendo assim, o Processo é uma unidade de ação que, dado sua correlação com outras ações regidas por uma intencionalidade, se transforma em função narrativa. Conforme exemplifica Charaudeau (2008, p. 163), “a ação “Um homem X manda um embrulho a um homem Y” terá uma função narrativa de recompensa, se puder ser correlacionada com uma ação anterior na qual “Y auxiliou X”, gerando um motivo de agradecimento da parte de X, e se Y, após esse dom puder considerar-se como beneficiário”.

Nem todas as funções narrativas encontram-se no mesmo plano. Por esse motivo, há uma hierarquia no que diz respeito à organização geral da história. Tal aspecto, ao mesmo tempo, estabelece a função narrativa principal e desempenha o papel de determinar as grandes articulações dentro de uma lógica de causa e consequência, além de ser acompanhada por funções narrativas secundárias, que complementam essas grandes articulações.

Tanto os actantes quanto os processos narrativos possuem uma relação inerente com a qualificação, uma vez que a atividade de qualificar pode ser atribuída tanto aos papéis narrativos desempenhados pelos personagens quanto às suas ações. Assim, o procedimento discursivo

descritivo estabelece uma conexão intrínseca com o Modo Narrativo. A narrativa – considerada uma totalidade em que o Narrativo é um dos componentes – utiliza esses dois modos de organização no seu desenvolvimento, pois simultaneamente descreve ações e qualificações com o intuito de alcançar sua finalidade.

Sob essa perspectiva, no que se refere à narrativa, podemos relacionar os modos explicitados anteriormente com as noções de memória e identidade, associando-as às suas manifestações na materialidade discursiva.

Nesse mesmo sentido, nos estudos da linguagem, Charaudeau (2008) aponta para um efeito de subjetividade objetivada, referindo-se ao duplo efeito presente em textos de relato que pretendem apresentar uma dominante realista, mas nos quais se percebe a subjetividade daquele que descreve. Como esclarece o estudioso, existe uma relação complexa entre aquele que narra e a história contada, pois tal relação depende do estatuto do narrador, de sua identidade e de seu ponto de vista sobre as personagens da história.

Assim, ao analisar o capítulo “Coluna Prestes”, reconhece-se que a narrativa historiográfica busca a coerência histórica, mas é inevitavelmente atravessada pela subjetividade do narrador, marcada por escolhas discursivas que constroem representações específicas. Nesse contexto, a narrativa historiográfica não apenas organiza fatos do passado, mas realiza um movimento de restauração discursiva, reconfigurando o biografado dentro de um projeto de memória.

Essa análise considerará o desejo de cultivo de memória que atravessa a obra, interpretado como uma tentativa de perpetuar a versão de Luiz Carlos Prestes construída pela autora. A escrita biográfica, nesse sentido, configura-se como uma modalidade de expansão da memória e de seu registro, articulando história, memória e identidade.

A próxima seção se dedicará à reflexão sobre essas dimensões no movimento político-militar Coluna Prestes, sob o olhar de Anita na biografia sobre seu pai. Essa análise será conduzida com base nos Modos de Organização do Discurso, explorando como a construção discursiva contribui para a representação de Luiz Carlos Prestes nesse evento marcante da história brasileira.

## 2 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IMAGEM DE LUIZ CARLOS PRESTES NA COLUNA PRESTES

A biografia de Anita Prestes evidencia como a narrativa pode atuar na preservação da memória e identidade dos envolvidos na Coluna Prestes. Nesse sentido, Candau (2016) ressalta que a restituição de nomes próprios é essencial para o dever de memória, pois retira o sujeito do esquecimento, conferindo-lhe um rosto e uma identidade.

Anita Prestes, ao evocar os nomes completos dos oficiais de alta patente que participaram da Coluna, bem como dos oficiais legalistas<sup>4</sup>, contribui para a manutenção da memória dessas pessoas e restitui suas identidades no que diz respeito aos seus envolvimento na própria Coluna ou nos embates com ela. No excerto a seguir, identificamos a menção de diversos nomes de futuros combatentes, ilustrando, então, essa restituição da memória e identidade dessas figuras históricas.

De regresso a São Luís Gonzaga, após sua ida a São Borja, Prestes enfrentou a necessidade de organizar a resistência ao ataque inimigo em preparação. Para isso, contou com a colaboração de Mário Portela e de outros tenentes rebeldes (que iriam a ele se reunir), como Siqueira Campos, João Alberto Lins de Barros, Cordeiro de Farias, Aristides Corrêa Leal, Ary Salgado Freire e os ex-alunos da Escola Militar do Realengo (expulsos após o “primeiro 5 de julho”), Emygdio da Costa Miranda e André Trifino Corrêa. (Anita Prestes, 2015, p. 56, grifos nossos).

4. No contexto da Coluna Prestes, os "oficiais legalistas" referem-se aos militares que se opunham ao movimento liderado por Luiz Carlos Prestes e seus aliados. Esses oficiais defendiam o governo central e as forças armadas oficiais, que combatiam os rebeldes da Coluna Prestes. Os "legalistas" eram assim chamados porque alegavam estar defendendo a legalidade institucional e o regime vigente, enquanto a Coluna Prestes desafiava o poder estabelecido e lutava contra o que consideravam injustiças e autoritarismos.

A Nomeação, assim, surge como um elemento crucial para a constituição da narrativa biográfica e impacta diretamente nas produções de sentido, pois os nomes também podem ser compreendidos como dados de validação das informações apresentadas na biografia. Esses nomes, ao serem articulados no texto, produzem efeitos de real que buscam comprovar a veracidade dos acontecimentos narrados.

Charaudeau (2008) esclarecer que os efeitos de realidade devem ser tratados em conjunto com os efeitos de ficção dada a alternância entre esses dois modos de visão do mundo constituir-se como o principal interesse de muitos relatos. Nesse contexto, o duplo efeito mencionado se materializa em textos que almejam uma dominante realista – como no caso de uma biografia –, mas nos quais também emerge a subjetividade do narrador.

A subjetividade inerente ao discurso daquele que narra potencializa a perpetuação de determinadas perspectivas sobre os eventos, inclusive de fatos históricos. Essa característica é especialmente relevante na construção discursiva de Luiz Carlos Prestes, uma figura central no movimento político-militar conhecido como Coluna Prestes. De tal forma, podem ser provocadas (re)significações de discursos anteriores e de imagens já cristalizadas no imaginário social e preservadas na memória coletiva.

Ainda sobre a categoria de Nomear, é importante contextualizar o caso analisado. A Coluna Prestes foi um movimento militar insurgente que percorreu cerca de 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil entre 1925 e 1927, liderado por oficiais como Luiz Carlos Prestes. Formado por tenentes descontentes com o regime oligárquico da Primeira República, o grupo buscava denunciar as injustiças sociais e o autoritarismo vigente. Nesse sentido, a denominação do movimento carrega um significado simbólico que reforça o protagonismo de Prestes. Como

aponta Candau (2016), “a memória de um sobrenome, quer dizer, a permanência no tempo de uma identidade atribuída, é uma fonte essencial da totalização existencial” (pp. 69-70).

A permanência do sobrenome de Luiz Carlos Prestes, assim como o nome do movimento – Coluna Prestes –, sinaliza seu papel central na narrativa histórica. Anita Prestes destaca: “Foi a primeira vitória importante de Prestes e de sua tática de ‘guerra de movimento’, o que lhe garantiu grande prestígio e contribuiu para consolidar sua liderança à frente da Coluna que tomaria seu nome” (Anita Prestes, 2015, p. 62, grifos nossos). Esse prestígio, atrelado à liderança de Prestes, não apenas legitima a denominação do movimento, mas também cristaliza sua imagem como um dos grandes líderes políticos e militares do Brasil no início do século XX.

Nessa mesma direção, o triunfo da Coluna Prestes frente aos desafios do conflito armado travado se contorna em torno da figura de Prestes. As estratégias utilizadas são explicadas em diversos momentos da obra, de forma que os êxitos das táticas de batalha são singularizados em razão da competência e da liderança do biografado. “Uma nova manobra, dirigida por Prestes, garantiu a vitória dos rebeldes: [...]” (Anita Prestes, 2015, p. 62). Anita Prestes destaca repetidamente o papel central de seu pai como líder estratégico da Coluna, atribuindo a ele os sucessos militares e a capacidade de superação diante de condições adversas. “Com essa manobra – que viria a ter grande repercussão, trazendo mais glórias para a Coluna e seu chefe –, livraram-se Coluna e da perseguição governista e voltaram tranquilamente à Bahia, que havia sido abandonada pelos legalistas.” (Anita Prestes, 2015, p. 93, grifos nossos)

Em contraponto à representação da Coluna como estrategista e invicta apesar das inúmeras dificuldades e escassos recursos, Anita confere, recorrentemente, representações negativas às tropas legalistas (oponentes de seu pai), que, embora contassem com vastos recursos, são



descritas como incompetentes e incapazes de conter o avanço dos rebeldes. “Da mesma forma, todas as outras tentativas do governo de deter os rebeldes, impedindo sua marcha para Goiás e Mato Grosso, viriam a fracassar. Foram incontáveis os desastres sofridos pelos legalistas empenhados na perseguição à Coluna. Pelo menos duas vezes eles combateram entre si, repetindo o célebre episódio de Maria Preta, em Santa Catarina.” (Anita Prestes, 2015, p. 95, grifos nossos).

Essa oposição discursiva entre a força e a habilidade dos rebeldes e a fragilidade das tropas legalistas é reforçada pela narrativa de Anita: “mais uma vez, 1,2 mil homens quase desarmados, mas animados pela garra da Coluna Prestes, conquistavam uma grande vitória, deixando para trás cerca de 20 mil soldados bem armados e municiados, dispondo de veículos motorizados que o governo deslocara para a região.” (Anita Prestes, 2015, p. 90).

Tal estruturação narrativa reforça o papel central de Prestes como líder, enquanto os actantes secundários ou satélites atuam como elementos de apoio que sustentam e fortalecem a imagem positiva do biografado. Ao destacar virtudes como integridade, respeito e habilidade estratégica, Anita Prestes mobiliza o Modo Narrativo para articular uma sequência de eventos em que o protagonista emerge como figura incontestável de autoridade e moralidade, reafirmando a legitimidade de sua liderança frente à Coluna.

Nesse contexto, os processos narrativos são estruturados de forma a correlacionar os atos dos actantes secundários diretamente às qualidades atribuídas ao líder. A nomeação de personagens leais, como os tenentes e outros seguidores, reforça a ideia de uma rede de apoio coesa que não apenas acompanha, mas também valoriza e valida as decisões de Prestes. Essa escolha discursiva contribui para consolidar o protagonismo de Prestes na trama histórica, ao mesmo tempo que confere coerência à narrativa.

De igual modo, o Modo Descritivo é mobilizado para qualificar o biografado, construindo uma visão idealizada de sua liderança. A descrição de seus atos evita ambiguidades ao enfatizar o senso de justiça e humanidade em suas decisões. Como destaca Anita Prestes, “já nessa vila, Prestes se impôs como chefe ao editar uma comunicação pública que estabelecia que apenas ele, pessoalmente, poderia assinar e autorizar as requisições. Evitavam-se, assim, atos de violência contra a população local por parte dos rebelados.” (Anita Prestes, 2015, p. 54, grifos nossos). Essa atitude evidencia o cuidado ético de Prestes com a população local, consolidando sua imagem como um líder moralmente exemplar e estrategista disciplinado.

Ainda, os qualificadores associados aos adeptos de Prestes não apenas engrandecem a figura do líder, mas também criam uma oposição clara em relação aos opositores, os legalistas, que são frequentemente descritos como incompetentes, desorganizados ou moralmente inferiores. Essa dualidade discursiva reforça o projeto de consagração de Luiz Carlos Prestes na obra, inscrevendo-o na memória coletiva como um líder estratégico e humanitário, em oposição a adversários que carecem dessas virtudes.

A liderança de Luiz Carlos Prestes é construída na narrativa biográfica como um elemento central e indispensável ao sucesso da Coluna Prestes, tanto do ponto de vista estratégico quanto ideológico e moral. Essa liderança é retratada como o motor de emancipação dos companheiros de luta, promovendo coesão e disciplina em uma tropa inicialmente desorganizada e heterogênea. No início da marcha, Anita Prestes relata:

Tratava-se de uma tropa heterogênea e indisciplinada, cujo comando carecia de unidade, o que prejudicaria qualquer ação a ser empreendida. [...] Baseado na experiência do 1º BF, Prestes tentou transformar a tropa revolucionária num exército em que vigorasse a disciplina militar e, ao mesmo tempo, pudesse ser desenvolvida a iniciativa dos soldados. (Anita Prestes, 2015, p. 56, grifos nossos).

Esse movimento de organização empreendido por Prestes não apenas consolidou a disciplina militar, mas também criou um forte vínculo entre os membros da Coluna, sustentado pelo exemplo de seus líderes. Anita evidencia que, durante a marcha, os chefes compartilhavam as mesmas privações dos soldados, o que reforçava o respeito e a admiração de seus companheiros:

Cientes de que o exemplo dos chefes desempenharia um papel fundamental nessa empreitada, Prestes, Portela, Siqueira Campos, João Alberto e Cordeiro de Farias levavam a mesma vida dos soldados, dormindo no chão, comendo a comida preparada nos ‘fogões’, sem admitir qualquer privilégio. Ao contrário, durante toda a Marcha da Coluna, os soldados - e, em primeiro lugar, os feridos - tiveram prioridade na distribuição de alimentos, roupas, montaria e medicamentos.” (Anita Prestes, 2015, p. 58, grifos nossos).

Os grifos aqui enfatizam o papel da igualdade e da solidariedade na construção de um modelo de liderança ético e moral, fundamental para o sucesso da Coluna. Essa liderança promoveu o que Anita denomina de “moral do combatente da Coluna”:

Formou-se, assim, um novo moral: o moral do combatente da Coluna, que lutava por um ideal sem medir sacrifícios, acompanhando seus chefes porque neles confiava e acreditava, porque via no comportamento deles um exemplo a seguir. A Coluna viria a se transformar numa grande família, na qual cada soldado permanecia sabendo que combatia por um ideal de liberdade e justiça para o povo brasileiro. (Anita Prestes, 2015, pp. 58-59, grifos nossos)

A narrativa de Anita Prestes associa a liderança de seu pai a valores como igualdade, justiça e sacrifício, elementos que moldaram a identidade coletiva da Coluna. Essa representação não apenas reforça o protagonismo de Luiz Carlos Prestes, mas também insere a Coluna em um contexto maior de luta por liberdade e justiça social.

Ao destacar essas características, a autora não apenas exalta os feitos do biografado, mas também constrói uma memória que o posiciona como um líder inspirador e essencial para a

trajetória histórica da Coluna. O texto, assim, configura-se como uma ferramenta de louvação e preservação da memória de Prestes, imortalizando sua figura no imaginário coletivo.

A liderança de Luiz Carlos Prestes é apresentada na narrativa biográfica como fundamental para a transformação de seus companheiros de luta, promovendo emancipação tanto no campo da competência de combate quanto no ideológico e moral. Essa liderança centraliza os feitos gloriosos e as superações alcançadas pela Coluna, conferindo ao biografado o papel de figura essencial para o desenrolar dos eventos históricos narrados. A narrativa destaca Prestes como o principal articulador de estratégias e valores que uniram a tropa em torno de um ideal de justiça e liberdade.

Por outro lado, a construção discursiva de Anita Prestes estabelece uma forte oposição moral entre os rebeldes da Coluna e as forças legalistas. Os legalistas são frequentemente associados a grupos marginalizados e desvalorizados no imaginário social, como cangaceiros e criminosos. Um exemplo claro dessa estratégia narrativa pode ser visto no seguinte trecho: “Nessa região, o deputado Floro Bartolomeu - político ligado ao padre Cícero - reunira forças consideráveis, integradas por cangaceiros e criminosos.” (Anita Prestes, 2015, p. 87, grifos nossos).

Essa relação de alteridade entre os dois grupos é reforçada por critérios morais, configurando os legalistas como violentos, imorais e corruptos, enquanto os rebeldes são representados como virtuosos e determinados. Essa oposição moral não se limita aos combatentes legalistas, mas se estende ao governo que os apoiava, descrito como permissivo com práticas questionáveis e desonestas: “Com o objetivo de destruí-los, todos os meios tornaram-se válidos, e o dinheiro correu a rodo, sendo fartamente distribuído entre os ‘coronéis’ a serviço da ‘legalidade’. Chegou-se a oferecer cem contos de réis pela cabeça de cada um dos comandantes da Coluna.” (Anita Prestes, 2015, p. 92).

A narrativa também expõe as consequências desse conflito, destacando o contraste entre os rebeldes e os representantes da "legalidade". Enquanto os comandantes e soldados da Coluna enfrentaram o exílio em condições de extrema pobreza, os generais e coronéis legalistas enriqueceram às custas do erário público: “os comandantes e os soldados da Coluna foram para o exílio num estado de absoluta pobreza, enquanto os generais e os ‘coronéis’ da ‘legalidade’ tinham enchido os bolsos à custa do erário público, que lhes oferecera verbas generosas para liquidar os revoltosos.” (Anita Prestes, 2015, p. 97).

Por meio dessa construção discursiva, Anita Prestes reforça a imagem da Coluna como moralmente superior e comprometida com ideais justos, ao mesmo tempo que deslegitima os legalistas e o governo como corruptos e moralmente frágeis. Esse contraste contribui para consolidar a figura de Luiz Carlos Prestes como um líder exemplar e essencial, capaz de inspirar sua tropa e de ser lembrado como símbolo de resistência e integridade.

A narrativa de Anita Prestes apresenta um forte teor de contra-argumentação a discursos prévios que buscaram deteriorar a reputação da Coluna Prestes e de seu líder. Essa estratégia discursiva reforça o papel da Coluna como vítima de injustiças históricas, apontando a manipulação propagandística do governo para desmoralizar os rebeldes e justificar suas próprias ações. Segundo Anita:

Devido à propaganda feita pelo governo contra os rebeldes, as populações, em pânico, abandonavam as vilas, os povoados e as cidades, temerosas do que lhes poderiam acontecer com a chegada dos revoltosos. Quem, entretanto, cometia toda sorte de tropelias contra o povo indefeso eram as tropas a serviço da “legalidade”. (Anita Prestes, 2015, p. 90, grifos nossos).

Nesse contexto, o uso das aspas no termo “legalidade” é um recurso linguístico que ironiza a legitimidade atribuída ao governo e às suas forças armadas, ao mesmo tempo que questiona a

moralidade de suas ações. As aspas não apenas enfatizam a desconexão entre o termo e as práticas do governo, mas também criam um contraste entre a Coluna e os legalistas, reforçando a alteridade entre os dois grupos. Enquanto os rebeldes são representados como movidos por ideais de justiça e igualdade, os legalistas são associados à violência e ao oportunismo.

A narrativa de Anita também incorpora elementos relacionados à identidade regional de Prestes e à importância simbólica do Rio Grande do Sul. O Localizar-Situar, nesse caso, não apenas posiciona a narrativa em termos geográficos, mas também contribui para a construção discursiva de um protagonismo gaúcho na Coluna Prestes. O estado é associado a valores como coragem e compromisso com a luta, o que ressoa em memórias coletivas e discursos identitários regionais. Prestes, enquanto líder, é apresentado como representante e herdeiro dessa identidade: “a voz de Prestes é inserida na obra por meio de um discurso direto no qual ele afirma que ‘gaúcho para fazer revolução [risos] está disposto.’” (Anita Prestes, 2015, p. 53).

Essa ênfase no papel dos gaúchos é ampliada ao contrastá-los com combatentes de outras regiões. A biógrafa utiliza Processos Narrativos para estabelecer um comparativo entre as práticas de batalha dos soldados gaúchos e paulistas, reforçando a superioridade dos primeiros: “havia muitos cavalos no sul de Mato Grosso e, em pouco tempo, os soldados da Brigada ‘Rio Grande’ estavam montados, desenvolvendo a tática das potreadas. Contrastando com os gaúchos, o pessoal da Brigada ‘São Paulo’ não sabia pegar cavalo e, por isso, marchava a pé.” (Anita Prestes, 2015, p. 75)

Esse contraste reflete-se também nos Processos Narrativos que descrevem as atitudes dos combatentes. Enquanto os gaúchos são qualificados como persistentes, habilidosos e comprometidos, os paulistas aparecem como hesitantes e desorganizados. Essa distinção é reforçada

por um discurso direto de Prestes, enxertado na narrativa, no qual expressa sua insatisfação com a falta de determinação dos paulistas:

Quando cheguei lá, estavam reunidos (os oficiais paulistas) [...]. A atmosfera, nas duas colunas, era oposta. Minha coluna chegava ali com a convicção da vitória [...] porque conseguira se ligar com os paulistas. Isso já era um grande triunfo [...]. Quando eu fui para Foz do Iguaçu, lá já estavam reunidos com o Isidoro quarenta homens. [...] A ordem era retirar. [...] Todo mundo só falava em ir embora para a Argentina. Eu estava com uma raiva fantástica, porque, vitorioso, chegar e encontrar esse ambiente! [...] Fiz um discurso, com muita energia, dizendo que eu não podia convencer meus soldados, que se consideravam vitoriosos, agora a emigrar nesse momento. (Anita Prestes, 2015, p. 70, grifos nossos)

O encadeamento de ações narrativas e qualificadores empregados na narrativa constrói uma visão heroica de Prestes e dos combatentes gaúchos. Ao associar seu líder às virtudes da persistência e da determinação, a narrativa reforça o protagonismo da região e de seus valores no movimento político-militar da Coluna Prestes.

De maneira geral, a narrativa de Anita opera uma série de dispositivos discursivos que interligam Processos Narrativos, Localizar-Situar e Qualificadores, criando uma memória que exalta Luiz Carlos Prestes enquanto líder e representante de um ideal moralmente superior. Esses elementos não apenas reconstróem a história sob uma ótica específica, mas também consolidam a imagem de Prestes como símbolo de resistência, tanto no plano individual quanto coletivo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destacou a centralidade da narrativa biográfica como *locus* de ressignificação histórica e construção identitária, destacando a materialidade discursiva como elemento essencial para compreender as disputas de memória no campo político brasileiro. Ao articular memória, identidade e história, a obra de Anita Prestes reafirma **o poder transformador da biografia como ferramenta de resistência**, capaz de preservar figuras emblemáticas como Luiz Carlos Prestes no imaginário social e histórico.

Além disso, a análise reforça a relevância do discurso biográfico na consolidação de lideranças e na configuração de narrativas que não apenas recordam o passado, mas também dialogam com as tensões do presente e projetam expectativas para o futuro. No contexto atual, marcado por intensas disputas de narrativas, esse estudo contribui para os debates sobre o papel da memória coletiva na construção de identidades nacionais.

Por fim, esta pesquisa abre caminhos para novas investigações que possam ampliar o escopo analítico para outros gêneros memorialísticos e biográficos, contribuindo para o aprofundamento da relação entre discurso, memória e poder. Assim, reafirma-se a importância de olhar para a narrativa biográfica como um campo fértil de análise discursiva, indispensável para a compreensão das dinâmicas históricas e identitárias que moldam nossa sociedade.

#### REFERÊNCIAS

- Abreu-Aoki, R. (2016). *Getúlio Vargas encadernado: A construção narrativo-argumentativa da imagem do estadista em Getúlio Vargas, meu pai*. [Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais].
- Benveniste, É. (1983). *Problèmes de linguistique générale*, 2. Éditions Gallimard.
- Bourdieu, P. (1998). A ilusão biográfica. In: Amado, J., & Ferreira, M. de M. (Orgs.), *Usos e abusos da história oral* (pp. 183–191). Editora da FGV.
- Candau, J. (2016). *Memória e identidade*. Contexto.
- Charaudeau, P. (2008). *Linguagem e discurso: Os modos de organização* (Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado). Contexto.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso* (L. F. A. Sampaio, Trad., 3a ed.). Edições Loyola.
- Gaudencio, B. R. de A. (2022). Nas terras do sul nasce o herói: Origens e ascendências nas narrativas biográficas de Luiz Carlos Prestes. *Revista NUPEM*, 14, 59–78. Recuperado em 24 nov. 2024, de <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/4779/4722>.
- Le Goff, J. (2013). *História e memória* (Bernardo Leitão et al. Trad., 7a ed., rev.). Editora Unicamp.
- Lejeune, P. (2008). *O pacto autobiográfico*. Editora UFMG.
- Martins-Fontes, Y. (2022). Anita Leocádia Prestes: Professora, historiadora, militante (entrevista / 2021-2022). *Expedições Morrinhos*, 14, 104–119.
- Peneff, J. (1990). Myths in life stories. In: Samuel, R., & Thompson, P. (Orgs.), *The myths we live by* (pp. 84–95). Routledge.
- Prestes, A. L. (2015). *Luiz Carlos Prestes: Um comunista brasileiro*. Boitempo.
- Robin, R. (2016). *A memória saturada* (C. Dias & G. Costa Trad.). Editora da Unicamp.

ARTIGO RECEBIDO A  
17/07/2024  
ARTIGO APROVADO A  
18/11/2024

